

# Sequestros, feminicídios, neoconservadorismos. O que 2026 espera de nós?

*Kidnappings, femicides, neoconservatism. What does the year 2026 hold for us?*  
*Secuestros, feminicidios, neoconservadurismo. ¿Qué nos depara el año 2026?*

Cristina Scheibe Wolff<sup>1</sup>  0000-0002-7315-1112  
 Luzinete Simões Minella<sup>1</sup>  0000-0001-7953-7385  
 Tânia Regina Oliveira Ramos<sup>1</sup>  0000-0002-2477-0419  
 Maria Helena Lenzi<sup>1</sup>  0000-0003-0729-2328

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900



O ano de 2026 começou bombástico. Literalmente, com bombardeio e sequestro na Venezuela no dia 03 de janeiro. Os Estados Unidos da América (EUA) bombardearam vários alvos militares e sequestraram de sua casa o presidente Nicolas Maduro e a advogada e política Cilia Flores, sua companheira, levando-os aos Estados Unidos, onde estão sendo acusados de narcoterrorismo. Como a Venezuela faz fronteira com o Brasil, acompanhamos com muita preocupação o desenrolar deste drama político que, no momento, também envolve Cuba, China, México, e até Irã.<sup>1</sup> Circulam muitas explicações e teorias e, até o momento da escrita deste editorial, não sabemos qual será o destino de Maduro e Flores, que ainda se encontram detidos nos EUA. A Venezuela deu posse à vice-presidenta, Delcy Rodríguez, advogada e ex-ministra da Comunicação com importante atuação desde os tempos de Hugo Chávez na presidência. Essa ingerência dos Estados Unidos, governado pelo direitista Donald Trump, pensada em conjunto com as vitórias de governos de direita na Argentina, Chile, Bolívia, apresenta ao Brasil e aos outros países latino-americanos que têm conseguido manter suas instituições democráticas desafios muito grandes. Do ponto de vista feminista e democrático, esse fato nos coloca em perigo, mais uma vez. Como dizia Simone de Beauvoir, os direitos das mulheres sempre são colocados em risco em momentos de crise. E este ano teremos eleições no Brasil e na Colômbia. O que nos espera?

Cientistas políticas têm alertado de forma muito contundente para a conjuntura neoconservadora latino-americana e de como as questões de gênero estão no centro das disputas e discursos empreendidos pela chamada “Nova direita” (Flávia Biroli; Mariana Caminotti, 2020). Assim, essa nova investida de Trump em reafirmar o imperialismo estadunidense na América Latina, considerada seu quintal desde finais do século XIX, e reconstruindo novas colonialidades, tem perversas consequências para os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+ (Cristina Wolff; Roselane Neckel; Joana Pedro, 2023). A “arena do gênero” certamente despontará no período eleitoral deste ano, novamente como um lugar de embates, muitas *fakenews*, muitas declarações de lado a lado, e, infelizmente, novos recuos a fim de apaziguar o eleitorado, como mostrou Giuliano Da Empoli (2019), sobre a eleição de 2018, mas que tem se repetido a cada

<sup>1</sup> Sobre o histórico desta crise e os fatos ocorridos até o momento, sugerimos o vídeo do jornalista Breno Altman, veiculado no Canal Opera Mundi, no YouTube, no dia 04/01/2026, com o título URGENTE! Entenda o Ataque dos EUA à Venezuela – análise de Breno Altman. Disponível em [https://www.youtube.com/live/JakSfPA\\_Gnk?si=bWLQ4zbT9-sqj7yi](https://www.youtube.com/live/JakSfPA_Gnk?si=bWLQ4zbT9-sqj7yi).

pleito. Sabemos que os grupos de WhatsApp e as redes da extrema direita continuam repetindo e reeditando essas notícias falsas a todo momento. Afinal, como mostrou o excelente relatório do NetLab (Marie Santini *et al.*, 2024), a misoginia e os discursos antifeministas e masculinistas rendem muitas visualizações e muito dinheiro nas redes sociais.

Uma das consequências dos neoconservadorismos que muito nos preocupa e atinge é o recrudescimento dos feminicídios, talvez a face mais perversa deste fenômeno. Somente nas duas primeiras semanas de janeiro de 2026, em Santa Catarina, já foram 4 mulheres assassinadas. Em 07 de dezembro de 2025, os feminicídios levaram as mulheres às ruas para grandes manifestações, organizadas pelo Levante Mulheres Vivas em todo o Brasil (Laura Machado, 2025). Em Florianópolis, onde nossa revista é editada, o protesto foi marcado pelo luto da morte da estudante de doutorado em Letras na UFSC, Catarina Karsten, brutalmente assassinada no dia 21 de novembro de 2025 por volta das 7h em uma trilha entre a praia do Matadeiro (onde morava com seu companheiro) e da Armação, caminho percorrido costumeiramente em direção à sua aula de natação no mar. Catarina foi uma das nove mulheres assassinadas em Santa Catarina em novembro de 2025, um mês muito violento. Os dados sobre feminicídios e outras violências contra as mulheres em Santa Catarina podem ser acompanhados no site do Observatório da Violência contra a Mulher (OVM), uma iniciativa da Assembleia Legislativa, através da bancada feminina, em convênio com outras instituições policiais e judiciárias do estado, com a participação do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC. O site do OVM é <https://ovm.alesc.sc.gov.br/>.

São notícias graves, difíceis, que dão a dimensão de como são importantes os Estudos Feministas sobre as relações de gênero e, portanto, como a missão da REF, como uma revista acadêmica engajada no acompanhamento das reivindicações feministas, é relevante. Essa missão tem sido reconhecida, bem como o esforço coletivo de publicação da revista por meio dos indexadores, dos números de acessos aos textos da revista, que têm superado 2,5 milhões de acessos anuais, e recentemente tivemos a notícia que no Qualis da CAPES 2021-2024 a REF continua merecidamente com a nota máxima A1. Isso tudo só é possível mediante o trabalho da coordenação editorial, editorias, editoras assistentes e bolsistas, revisoras, diagramadora, pelo trabalho das pareceristas e, é claro, das autoras e autores que submetem seus textos à nossa criteriosa avaliação. Neste novo número da revista, além de muitos artigos, temos também uma seção temática e uma seção especial.

No artigo “Escrita no feminino: os corpos/corpus em *différance* de Derrida e Preciado”, a autoria explicita que a potência do pensamento desses dois filósofos é capaz da desconstrução do fonofalocentrismo ao buscar uma “*escrita no feminino*” (no feminino, não feminina, não de mulher, não feminista, não dual, não oposicional, não hierarquizante), e, portanto, em *différance*, e ao trazer à baila uma coreografia sobre alguns termos de binômios rebaixados pela tradição metafísica Ocidental: o corpo, a escrita, o feminino.

As autoras do texto “Gestión menstrual e interrupción de las actividades de mujeres en Colombia” trazem questões fundamentais para os debates contemporâneos sobre pobreza menstrual e analisam como o uso de diferentes métodos de gestão menstrual influencia a interrupção das atividades diárias das mulheres colombianas. A pesquisa utilizou modelos probabilísticos e dados da Encuesta Pulso Social (EPS) e foi realizada pelo Departamento Administrativo Nacional de Estadística em 2021 e 2022, com uma amostra de 24.805 mulheres de 18 a 55 anos. O artigo explicita, entre outras coisas, que nem todas as mulheres têm acesso a absorventes, sendo esse um dos fatores que contribuem para a interrupção de suas atividades cotidianas.

Fundamentadas numa análise qualitativa de documentos oficiais, as autoras do artigo “Significados de gênero e narrativas de políticas públicas” rastreiam os significados de gênero utilizados nas políticas para mulheres e LGBTQIA+ no Rio Grande do Norte com o objetivo de “compreender como essas narrativas foram estruturadas e transformadas entre 2007 e 2022, considerando as inclinações políticas e os paralelos entre governos estadual e federal no período”. Entre outros aspectos, as autoras identificam avanços, retrocessos e dificuldades de integração das políticas de modo abrangente, capaz de articulá-las no plano estadual.

O artigo “Masculinidades y cambio en España: un estudio en la provincia de León (España)” apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo avaliar o modelo de masculinidade dominante na província mencionada. Os autores aplicaram um questionário on-line a 890 pessoas, abordando temas como participação masculina nas tarefas de cuidados, divisão das tarefas domésticas, envolvimento dos homens na igualdade de gênero, comportamento emocional e relacional e o papel das instituições em promover a igualdade. Os resultados mostram que ainda é necessário avançar nas políticas pessoais e coletivas para que os homens superem seus privilégios, rompam o silêncio cúmplice com a cultura machista e se envolvam de forma mais ativa na luta contra as desigualdades de gênero.

O artigo intitulado “Helena, tecelã de ardis na *Odisséia*” revela mais uma vez a mulher sempre perseguida, mas nunca capturada. Dessa maneira, as figurações de Helena na épica homérica, principalmente no canto IV, da *Odisséia*, exploram a relação dessa e outras personagens femininas com a tecitura e com o canto na Grécia antiga. A linguagem feminina

aparece sob o signo da ambivalência e da dubiedade nessa sociedade. Com base em análises filológicas, essa tecitura permite às personagens femininas estabelecerem conexões sociais e meios de preservação da sua memória.

Os autores do artigo “Violência, sofrimento e (re)existências: narrativas de travestis e mulheres trans” realizaram entrevistas com 15 mulheres trans residentes na área metropolitana de Salvador, Bahia. Seus relatos foram analisados partindo-se do suposto de que a realidade não é dada *a priori*, mas um efeito de práticas performativas cotidianas, nas quais se refletem o sofrimento social imposto pela violência física, psicológica e social. A conclusão a que chegam é que travestis e mulheres trans vivenciam situações de vulnerabilidade que se configuram como um fenômeno dialético e coletivo que possibilita tanto a subjugação quanto a resistência.

O artigo intitulado “Visibility or invisibility: contemporary Spanish female creators in the press” analisa a visibilidade das criadoras espanholas contemporâneas nas seções culturais de dois grandes jornais espanhóis durante o século XXI. Por meio da utilização de uma metodologia em duas etapas, as autoras elaboraram um inventário quantitativo de conteúdo e uma análise lexical qualitativa com fins de observar longitudinalmente a representação de gênero na imprensa. Os resultados revelaram uma sub-representação das criadoras femininas e a análise lexical mostrou que o vocabulário relacionado aos homens foca o seu trabalho, enquanto os artigos sobre as mulheres enfatizam aspectos pessoais, explicitando um viés que reforça papéis de gênero no jornalismo cultural.

O artigo “Deficiência e interdependência. Uma proposta baseada na ética feminista do cuidado” argumenta que os estigmas sobre a deficiência, sustentados pela premissa de que o ser humano se define pela sua autonomia individual, podem ser fensionados por meio das éticas do cuidado. As autoras constroem sua argumentação destacando que as pessoas se caracterizam, sobretudo, pela sua interdependência, vulnerabilidade e necessidade de cuidado.

A proposta do artigo “Dilemas de posicionalidad de sujeto/a en la investigación narrativa dialógica feminista” é apresentar e problematizar os dilemas das sujeitas investigadoras a partir de uma revisão bibliográfica e conceitual, que permita entender as próprias experiências, as emoções no processo da investigação, os vínculos interpessoais criados durante o processo, as construções narrativas, a validade quantitativa das pessoas participantes e a autoria das narrativas construídas. O direcionamento da análise permitiu, na conclusão, que fosse apresentada uma síntese de recomendações e propostas.

As questões econômicas também são abordadas nesta seção. A partir de uma revisão sistemática da literatura, no artigo “Autonomía económica de las mujeres: género, ingresos y desigualdad en América Latina”, as autoras constataram a carência de pesquisas empíricas que explorem as capacidades das mulheres não apenas para produzir, mas para administrar e exercer um controle sobre suas próprias rendas, identificando os desafios conceituais e empíricos desse campo de investigação. Os resultados indicam que essa autonomia é fundamental para superar a pobreza, avançar na igualdade de gênero e garantir a sustentabilidade do desenvolvimento.

O autor do artigo “Interseccionalidade e ativismos alimentares de mulheres negras no Brasil” parte de considerar que as desigualdades raciais e salariais entre os gêneros promovem a persistência da insegurança alimentar e nutricional no Brasil, principalmente entre as mulheres negras. As ações por elas implementadas em quatro organizações que desenvolvem ativismos alimentares a partir de lutas sociais articuladas são analisadas pelo autor, pois, segundo avalia, podem inspirar a construção, formulação e avaliação das políticas públicas.

Os pontos de vista de mulheres e homens diante da violência direta ou visível são analisados no artigo “Patriarcado digital: de la violencia visible a la violencia simbólica” com vistas a entender como são reconfiguradas em violência simbólica ou invisível. A pesquisa se baseou num modelo piramidal para análise de conteúdo temático de um número significativo de comentários “categorizados em 12 notícias” sobre um estupro em gangue e um feminicídio, “publicadas nas fanpages do Facebook de 3 jornais equatorianos”. Os resultados sugerem, entre outros aspectos, que a permissividade peculiar às interações nas redes sociais estimula as agressividades das falas dos homens, estabelecendo-se, assim, “uma continuidade entre a violência direta e simbólica contra as mulheres”.

A autora do artigo “Loucos-infratores na prisão” aborda o processo de formalização de alas especiais para tratamento psiquiátrico em unidades prisionais comuns, discutindo como gramáticas parentais e inflexões de gênero condicionam as políticas de Estado e as políticas prisioneiras que organizam a gestão interna dos detentos. A autora explica que, de acordo com o Código Penal brasileiro, no entanto, detentos com transtorno mental deveriam ser submetidos a tratamento psiquiátrico compulsório em equipamento ambulatorial ou em algum Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico – e não nos presídios comuns.

Neste número, trazemos a seção temática “Feminismos Latinoamericanos. Entre la dictadura y las derechas actuales”, que faz uma ponte entre os tempos das ditaduras latino-americanas e o momento político atual de uma perspectiva feminista. Nos oito artigos reunidos nesta seção ficam muito claras duas questões principais: as direitas nos países da América

Latina não são um fenômeno somente atual, elas implicam permanências de ideologias e práticas políticas que voltam a se manifestar, utilizando novos instrumentos e argumentos, como é o caso das redes sociais. Em segundo lugar, tanto no período dos anos 1960 a 1980, como hoje, as questões de gênero e sexualidades são centrais para a estruturação do pensamento e ação das direitas. Controlar as sexualidades dissidentes, as pessoas dissidentes com relação ao gênero, ou mesmo as mulheres que não se adequam aos padrões preconizados, torna-se algo importante na reafirmação da ordem patriarcal das ditaduras ou na sociedade almejada pelas forças retrógradas que ganham relevo na atualidade (Wolff, 2024).

Trazemos, também, neste número, a seção especial “Seminário Especial Fazendo Gênero 13”. Esta seção é uma das publicações resultantes do Seminário Internacional Fazendo Gênero 13, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2024. Os textos abordam aspectos diversos no contexto globalizado do Sul Global, através de questões que vão da construção dos feminismos, os estudos feministas e de gênero, aspectos da cultura e arte feministas e as interseccionalidades que envolvem as vidas das mulheres. O Fazendo Gênero 13 teve como tema central Contra o fim do mundo: anticolonialismo, antifascismo e justiça climática, e esta seção especial da REF mostra de forma qualificada um pouco da discussão que ocorreu neste evento.

Entre as importantes contribuições, temos também uma entrevista na seção Ponto de Vista. Michele Perrot (2005; 2010), historiadora francesa fundamental para a história das mulheres, autora de livros como *Os Excluídos da História* e *As mulheres e os silêncios da História*, foi entrevistada em sua casa, em Paris. As instigantes perguntas e as consistentes e lúcidas respostas, dissertando sobre a participação das mulheres na política francesa, sobre a história dos feminismos e os feminismos contemporâneos, evidenciam como Michele Perrot se mantém como uma das mais importantes pensadoras feministas. Vale a pena conferir.

Para encerrar nosso Editorial, lembramos de Roland Barthes (1999), no livro *S/Z*, ao propor modos interpretativos que objetivam não ordenar significações textuais, mas, sim, fazê-las explodir. Os livros resenhados por leitoras, leitores e leituras contemporâneas neste número trazem forças dialógicas e mostram o quão delicada é a incumbência de procurar revelar – ou do que é possível ser revelado –, a partir dos silêncios e exclusões, um romance do século XIX para a cena contemporânea. As outras duas resenhas trazem também a potência das texturas de uma geopolítica feminista a partir de seus legados, pressupondo-se que vozes confinadas, quando se encontram, produzem ecos, bem como a urgência de se pensar a ancestralidade em diáspora, descolonizando o olhar e trazendo pressupostos interseccionais para a visibilidade das mulheres palestinas. Nos três livros e nos modos de ler os recortes, as escolhas foram tanto históricas quanto políticas, daí a importância de que suas ideias façam parte de nossas bibliotecas materiais, virtuais ou simbólicas.

Finalmente, queremos convidar a todas, todes e todos que sigam a REF também nas redes sociais, Instagram e Facebook, @refeminista, onde nossa editoria de divulgação tem publicado atualizações da Revista, do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC (IEG) e dos feminismos contemporâneos. Este é mais um canal de contato e de divulgação dos conteúdos da REF e das discussões que ela gera.

## Referências

BARTHES, Roland. *S/Z*. Coimbra: Edições 70, 1999.

BIROLI, Flávia; CAMINOTTI, Mariana. “The Conservative Backlash against Gender in Latin America”. *Politics & Gender*, v. 16, p. 1-38, 2020. DOI:10.1017/S1743923X20000045.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. 3 ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

MACHADO, Laura. “Por que matam as mulheres?” Florianópolis se une à mobilização nacional contra o feminicídio”. *Portal Catarinas*, 08/12/2025. Disponível em <https://catarinhas.info/florianopolis-se-une-a-mobilizacao-nacional-contr-o-femicidio/>. Acesso em 21/01/2026.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 6 reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2005.

SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane L.; BELISÁRIO, Adriano; MATTOS, Bruno; MEDEIROS, Stéphanie G.; MELLO, Danielle; GRAEL, Felipe; SEADE, Renata; BORGES, Amanda; MURAKAMI, Lucas; CARDOSO, Rafael; DAU, Erick; LOUREIRO, Felipe; YONESHIGUE, Bernardo; CARMO, Vítor do;

MAIA, Felipe. "Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2024. Disponível em <https://netlab.eco.ufrj.br/post/aprenda-a-evitar-esse-tipo-de-mulher-estrat%C3%A9gias-discursivas-e-monetiza%C3%A7%C3%A3o-da-misoginia-no-yout>.

WOLFF, Cristina Scheibe. "Sexualities and Dictatorships of the Twentieth Century". In: WIESNER-HANKS, Merry E.; KUEFLER, Mathew (Orgs.). *The Cambridge World History of Sexualities*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. v. IV, p. 227-246.

WOLFF, Cristina S.; NECKEL, Roselane; PEDRO, Joana M. "Mulheres na política brasileira contemporânea: desafios e violências". *Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*, v. 36, p. 79-99, 2023.

**Cristina Scheibe Wolff** ([cristiwolff@gmail.com](mailto:cristiwolff@gmail.com)) é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1998). Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Em 2004/2005 realizou Pós-Doutorado na Université Rennes 2, na França, e entre 2010 e 2011, no Latin American Studies Center da University of Maryland, em College Park, Estados Unidos da América. Ocupou a Cátedra Fulbright de Estudos Brasileiros na University of Massachusetts em Amherst (set.-dez. 2017) e foi pesquisadora convidada no Laboratoire Arenes, Université Rennes 2 (jan.-jul. 2018). Atualmente, é Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. É integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) e do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC e uma das coordenadoras editoriais da Revista Estudos Feministas (2006-2009 e 2011-atual). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua ainda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e no Mestrado Profissional de Ensino de História. Foi a coordenadora geral do Fazendo Gênero 11 e 13º Women's Worlds Congress, realizados na UFSC em 2017. Tem experiência na área de História, com ênfase em História das Mulheres e do Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, memória, guerrilha, resistência às ditaduras no Cone Sul.

**Luzinete Simões Minella** ([simoesluzinete@gmail.com](mailto:simoesluzinete@gmail.com)) é graduada (1972) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1977), doutora em Sociologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM, 1989). Realizou estágio de pós-doutorado no Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/Unicamp, 1998). Fez parte do quadro de docentes do Departamento de Sociologia da UFBA entre 1975 e 1991. Vinculou-se ao Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, de 1991 até 2002, e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política entre 1991 e 2005. É Professora Adjunta IV aposentada da UFSC, atuou como professora voluntária no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas entre 2003 e 2020, tendo coordenado por vários anos a Área de Concentração em Estudos de Gênero. Integra a equipe do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), participou de vários dos seus projetos (eventos, publicações, cursos etc.). Entre os projetos, destaca a coordenação editorial da Revista Estudos Feministas entre 2001 e 2004 e entre 2007 e 2008, quando passou a fazer parte da editoria de artigos. Voltou a fazer parte desta coordenação a partir de dezembro de 2016. É membro da Rede Brasileira de Ciência, Tecnologia e Gênero. Tem realizado pesquisas principalmente nas seguintes áreas: participação das mulheres nas ciências (na interface com a crítica feminista à ciência, os estudos sociais da ciência e a história da ciência); gênero e saúde reprodutiva; gênero e infância; saúde mental. Orientou inúmeros trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, principalmente nessas áreas. Publicou vários artigos em periódicos de ampla circulação e livros, além de trabalhos completos em anais de eventos etc.

**Tânia Regina Oliveira Ramos** ([taniareginaoliveiraramos@gmail.com](mailto:taniareginaoliveiraramos@gmail.com)) é doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado e Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, é Professora Titular e coordena o núcleo Literatura e Memória da UFSC, núcleo com projetos aprovados pela FAPESC e CNPq. Faz parte da Coordenação Geral da Revista Estudos Feministas e do Conselho Editorial das revistas UniLetras, Mafuá Ciências e Letras, Literatura Hoje, Signótica e Anuário de Literatura. É professora de Literatura Brasileira e Estudos Literários nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras e Literatura na UFSC. Atua, pesquisa e publica nas linhas de pesquisa História e Memória, escritas de si e gênero.

**Maria Helena Lenzi** ([prenom.marie@gmail.com](mailto:prenom.marie@gmail.com)) possui graduação (2006) e mestrado (2010) em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2016). Realizou estágio de pós-doutorado no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (2017-2019). É professora do Departamento de Geociências e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e em Desastres Naturais da UFSC. É membro da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Agência das Nações Unidas para Refugiados e do Observatório das Migrações em Santa Catarina da Universidade do Estado de Santa Catarina. Compõe o conselho editorial da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Desde 2018, participa da Revista Estudos Feministas como editora de artigos e em 2025 assumiu a coordenação editorial junto com as professoras Cristina Scheibe Wolff, Luzinete Simões Minella e Tânia Regina de Oliveira Ramos. Tem realizado pesquisas nas áreas de epistemologias feministas na Geografia, migração, refúgio e deslocamentos ambientais.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

WOLFF, Cristina Scheibe; MINELLA, Luzinete Simões; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; LENZI, Maria Helena. "Sequestros, feminicídios, neoconservadorismos. O que 2026 espera de nós?". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 1, e110616, 2026.

#### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Elaboração e redação coletiva.

#### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

#### DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não informado o uso de dados, não utilizou dados de pesquisa.

#### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

#### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

#### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

#### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### HISTÓRICO

Recebido em 28/01/2026

Aceito em 29/01/2026